

## **PROFESSORES DE ARTES E SEGUNDOS PROFESSORES: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E ATUAÇÃO EM SALA DE AULA INCLUSIVA**

Katheryne Vieira da Luz<sup>1</sup>, Regina Finck Schambeck<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Artes Visuais, CEART - bolsista PROBIC/UDESC.

<sup>2</sup> Orientadora, Departamento de Musica, CEART – regina@udesc.br

Palavras-chave: Professor de Arte. Inclusão. Atendimento educacional especializado. Segundo Professor.

Esta pesquisa se guiou pela temática educação inclusiva. Para tanto, optou-se por estudar os professores da rede municipal de Santo Amaro da Imperatriz, cidade do estado de Santa Catarina, pertence a grande Florianópolis e que têm aproximadamente 22 mil habitantes. As participantes da pesquisa são todas mulheres, profissionais que trabalham com alunos com deficiências em sala de aula e foram escolhidas, intencionalmente, para o entendimento da prática escolar em relação à teoria que já vinha sendo estudada pela bolsista de iniciação científica (2014/2-2016/1). Este estudo não teve a intenção de ser comparativo, mas, sim, estudar as relações entre os profissionais envolvidos nos processos educativos em Arte, tema pesquisa. A coleta de dados ocorreu do seguinte modo: Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a educação inclusiva e o atendimento educacional especializado - AEE. Era preciso conhecer as normativas, leis e materiais de apoio que orientam a formação de professores para atuar em contexto de inclusão de alunos com deficiência, bem como os documentos que servem como suporte para as diretrizes de educação inclusiva do município de Santo Amaro da Imperatriz. Tendo finalizado esta etapa partiu-se para a pesquisa de campo que envolveu uma entrevista com a coordenação de educação especial da rede municipal de educação do município e aplicação de questionários semiestruturados com três professoras de Arte e quatro segundas professoras. Optou-se por gerar um questionário semiestruturado, com questões abertas divididas entre 3 categorias: formação, suporte pedagógico e ação pedagógica com alunos com deficiência. Quanto à formação das professoras de Arte o levantamento indicou que duas delas têm formação em educação artística, uma com habilitações em cênicas e pós-graduação em Gestão e Metodologia de ensino e a outra com habilitação em Música e pós-graduação em Gestão Escolar e a terceira professora não possui formação na área de Arte e, sim, em Pedagogia com pós-graduação em Multidisciplinas. Foi relatado pelas professoras que durante a graduação não houve nenhuma disciplina que desse aporte para a educação especial. Mesmo possuindo em suas turmas alunos com deficiências todas as professoras relataram não buscar nenhuma espécie de formação continuada na área de educação especial. É unanimidade entre as professoras de Arte que participaram desta pesquisa a existência de um déficit na formação continuada. Perguntadas sobre o que poderia ser feito para um melhor apoio e suporte aos alunos com deficiência em sala de aula, as professoras de Arte classificaram como importante a realização de cursos de formação para todos os professores. Indicaram, também, a necessidade de se abordar nestes cursos a deficiência de forma ampla, contemplando de uma maneira geral, as características de

aprendizagem deste público e formas de avaliação. O segundo professor é o profissional que atende os alunos que fazem parte da inclusão escolar em sala de aula. A formação de todas as segundas professoras participantes é Pedagogia, apenas uma professora está cursando complementação e pós-graduação em Educação Especial. Segundo elas o conhecimento teórico que tiveram sobre educação inclusiva na graduação nem sempre é aplicável ao contexto que encontram, efetivamente, na prática escolar. De acordo com as segundas professoras, ao estarem em envolvimento com a realidade escolar, se deparam com situações que necessitam de uma pesquisa mais profunda sobre educação inclusiva, do que a que tiveram durante a graduação. As segundas professoras também argumentam que a educação inclusiva tem que ser estudada e trabalhada mais profundamente durante a graduação. Apesar do pouco material publicado sobre a educação especial e inclusiva voltada para a disciplina de Arte, percebe-se que está aumentando o interesse e a produção do mesmo. Eventos na área como palestras e simpósios sobre o tema tem acontecido com certa frequência, inclusive com propostas de capacitação na modalidade à distância (EAD). Em Santa Catarina já existem cursos de pós-graduação na área da educação especial e inclusiva. Pelo levantamento realizado nos sites das instituições que oferecem estes cursos, percebe-se que a maioria é ministrada à distância, com o material didático disponível em Ambiente Virtual de Aprendizagem/Portal do Aluno ou com material impresso em apostilas personalizadas, e os cursos tem a duração média de seis meses a um ano. Na modalidade de curso presencial foram encontrados apenas três cursos. Com base no levantamento de literatura realizado nesta pesquisa em relação com os dados apurados junto aos participantes, profissionais que trabalham com alunos com deficiência, pode-se concluir que a teoria ainda está muito longe do que ocorre, efetivamente, na prática, nas salas de aulas, ou seja, a inclusão não está acontecendo de maneira efetiva na rede de ensino estudada. A relação entre as professoras de Arte e as segundas professoras na rede de ensino de Santo Amaro da Imperatriz, também quase não acontece na prática. As participantes da pesquisa atribuem essa dificuldade à falta de incentivo por parte da coordenação de educação especial do município, já que nos últimos anos não foram promovidas capacitações, encontros e/ou até mesmo conversas sobre a educação especial entre todos os profissionais envolvidos na educação, o que as faz trabalhar isoladamente. Acredita-se que, para que haja inclusão e parceria entre os professores que trabalham com alunos com deficiências seja necessário, entre outros aspectos, investir na qualificação dos educadores para uma atuação mediadora mais competente, ampliar e diversificar a equipe da educação especial do município, e rever o modelo de intervenção destes alunos junto à comunidade escolar. Além de melhorar o suporte e orientação às práticas pedagógicas de todos os educadores e não só dos segundos professores, como elas mesmas afirmaram. Acredita-se que o atendimento e o suporte para os profissionais que atuam com inclusão de alunos com deficiências deveriam ser oferecidos para todos os Profissionais da Educação, pois de acordo com as políticas públicas que asseguram a inclusão escolar todos têm ou terão em algum momento da atuação em sala de aula envolvimento com alunos com deficiências.